

Na segunda metade do século VIII a.C. Israel enfrentou os assírios. Muitos soldados tombaram em combate e deixaram seus filhos, órfãos e suas mulheres, viúvas. O Código da Aliança e o Deuteronômio mencionam o órfão junto com a viúva e o estrangeiro. O órfão, no entanto, é diferente dos outros pobres, porque não tem estrutura física, psíquica e nem recursos materiais para viver sem protetor natural. Através da leitura do Código da Aliança percebe-se que o órfão é um ser rejeitado pela sociedade, sendo ainda vítima de maus tratos físicos. O Deuteronômio, posterior ao Código da Aliança, trata dos direitos dos órfãos (Dt 24,17.19; 26,12). Isto leva a crer que houve uma evolução no tratamento da sociedade em relação ao órfão. Ele tinha direitos à ajuda financeira, como por exemplo ao dízimo das colheitas. Quem cuidasse espontaneamente dele, receberia a bênção de Deus (Dt 16,11). Quem se

recusasse a ajudá-lo, seria punido (Dt 27,19). A observância da lei em favor do órfão é uma forma de concretizar a fé em Iahweh.

Conclui-se que a legislação bíblica ordenava que se tratasse o órfão com justiça. Hoje, verifica-se nas nossas cidades, iniciativas de pessoas que dão um testemunho eloqüente, dedicando-se e expondo-se às críticas e às perseguições por defenderem os direitos dos menores abandonados, e por exigirem, com a sociedade, que os poderes públicos respeitem e cumpram o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Imã Léia Yole Sbrana é Mestra em Teologia Dogmática com Especialização em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. É professora de Sagrada Escritura e colaboradora desta *Revista de Cultura Teológica*.

SOLIDARIEDADE E COMPROMISSO SOCIAL

Pe. João Bosco dos Santos

1. SOLIDARIEDADE E DIGNIDADE HUMANA

Nem é necessário pararmos para pensar nos graves problemas que nos inquietam, porém, quando nos detemos para refletir, tornam-se mais penetrantes e dolorosos. A situação nos deixa tão aflitos a ponto de desencadear o “desespero”... o mergulho no vazio! Sem dúvida, é preciso reagir a esse fato que a indignação nos lança e encarar de frente tudo aquilo que tolhe a regeneração do tecido social.

Não basta ser solidário. É indispensável que o espírito de solidariedade seja aprofundado e dele se resgate os valores da cidadania. A solidariedade não se resume a um aspecto assistencialista, todavia, busca a razão de ser concreta de cada pessoa humana. Construindo! Humanizando!

Neste prisma, verifica-se que o nosso propósito não esbarra em limites. Os gestos de solidariedade devem se desdobrar em uma grande cadeia, caso contrário, ficaremos sempre atrelados a um comportamento de provinciana estreiteza. A problemática emergente nos coloca como inevitável restituir a plena dignidade dos filhos de Deus, que não deve ser considerada privilégio de poucos, conforme o mínimo de bom senso nos faz sentir.

Toda nossa atenção merece ser fortalecida uma vez que estamos no limiar da virada do século e, ainda, não resolvemos o problema do respeito à dignidade humana, conseqüência lógica de tantos abusos circunscritos no contexto social. De acordo com o estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, apresentado em Genebra (Suíça), em 16 de outubro do corrente ano - dia internacional para a erradicação da pobreza -, “cerca de 1,3 bilhões de pessoas vivem com menos de um dólar por dia (...) o número de pobres cresce cerca de 25 milhões por ano, e aproximadamente um quarto da população mundial vive na pobreza (...) a cada minuto, o mundo ganha mais quarenta e sete pobres (...) 160 milhões de crianças estão subnutridas (...) um bilhão de pessoas são analfabetas e um número ainda maior não tem acesso à água potável. (...) As desigualdades entre os países, assim como dentro deles, alcançam proporções sem precedentes (...)”¹

Padeçemos de uma doença crônica que afeta a grandeza de cada ser humano. Aonde pretendemos chegar?!

Esta é a pergunta que deve nos incomodar, a fim de sermos impelidos à ação transformadora.

Ignorar a gravidade da problemática social contemporânea não é somente uma omissão, mas sim, uma "indigência intelectual", onde obviamente domina o reino dos perversos "belzebus".

Ao nos depararmos, portanto, com pessoas capazes de analisar criticamente um acontecimento significativo para o micro ou macro contexto social, devemos dar-lhes maior credibilidade, pois sua atitude demonstra um profundo desejo de alerta para que mudanças valorativas ocorram em diferentes âmbitos da sociedade. São pessoas preocupadas com o verdadeiro sentido do existir humano e que acreditam numa vida melhor para todos, insistindo em apontar novos caminhos. Não permitem que a poeira do comodismo se acumule, nem que o ranço impeça o espírito de criatividade, responsável por novos impulsos no processo evolutivo da existência.

Assim, quando nos problematizamos com relação às causas e conseqüências do sistema opressor, inegavelmente introjetado em todos os níveis de relacionamento humano, é possível constatar os obstáculos que nos impedem de gozar da vida em abundância que Jesus oferece às suas criaturas... "Bendito seja o lenho pelo qual vem a justiça..." (Sab. 14, 7)

Ficamos perplexos, tanto com as significantes ausências de considerações não manifestadas pelas instituições as quais, constantemente, revelam vícios, quanto por nós que, muitas vezes, adaptamo-nos ao jogo de interesses, o que provoca um verdadeiro desajuste social.

Sobretudo, esta triste situação deveria nos impelir a esforços no sentido de tornar real aquilo que julgamos ser o mais fundamental axioma da vertente cristã: *o direito de cada pessoa humana encontra-se inscrito em sua própria natureza*, queiram ou não os sistemas vigentes na sociedade.

É preciso ter coerência com princípios e questões fundamentais, evitando manter a crosta conservadora que reina há cinco longos séculos em nosso país e que, fatalmente, acaba influenciando na elite intelectual, turvando-lhe a visão para conquistas de mudanças essenciais. Esta miopia oblitera, inclusive, a compreensão da causa maior evidenciada pelo cristianismo em sua mensagem: *a promoção da dignidade humana, em quaisquer circunstâncias*.

O caos social se perpetua sensivelmente, podendo atingir inclusive os mais respeitáveis setores, cuja credibilidade goza de grande prestígio da população, impedindo-a de perceber o que de fato ocorre no interior dos mesmos, ou seja, nem sempre a justiça é promovida no meio em que se espera. Assim, é imprescindível que se multipliquem as instâncias de efetivo comprometimento solidário em todas as direções, viabilizando desta maneira, os direitos dos indivíduos.

¹ Folha de São Paulo, 17/10/97 - 1,14.

Despertar consciências adormecidas e também consciências sutilmente ofuscadas pela crosta conservadora é, sem dúvida, vislumbrar novos horizontes... descobrindo no mais profundo do ser humano a vida que vem de Deus. Diante do pensamento cristão, todos devem se sentir co-responsáveis.

Urge ser consciente!

Urge ser crítico!

Urge ser generoso!

Mediante tal ótica, motivados para realizarmos algo pelo "bem comum", poderemos crescer no sentido de nossa identidade enquanto povo que deve buscar, corajosamente, os valores que a cidadania nos permite usufruir para um viver digno.

Nesta perspectiva, é sumamente importante concretizar, em nossa vida a força da mensagem transmitida ao mundo pelo saudoso papa Paulo VI, ao celebrar o ano internacional da Paz: "*Se queres a Paz, trabalha pela Justiça*"².

Em síntese, o tecido social pode ser, de fato, reconstituído quando se tem como parâmetro o binômio: *Justiça e Paz*. Esse binômio não só permite um perfeito entrelaçamento, mas é prioridade do Evangelho, cuja proposta, está extremamente associada à promoção humana. Nela se estabelecem "*laços de ordem antropológica, dado que o homem a ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da Criação do plano da Redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça a ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e autêntico progresso do homem?*"³.

A esta altura de nossa reflexão, podemos inferir que toda pessoa comprometida com o bem e com o caminho da verdade, não pode desconsiderar as sábias palavras proferidas pelo Santo Padre. Da mesma forma, não se intimidará com os percalços passíveis de serem encontrados no caminho, pois estes se tornam estímulos para que sua trajetória de vida não seja desviada do objetivo. Tal é o desafio de todos os que crêem no amor como fundamento do existir humano.

² Papa Paulo VI. **Doc. Pontifício n° 215**, p. 39, Ed. Vozes, Petrópolis 1972.

³ Papa Paulo VI. **Evangelii Nuntiandi** Ed. Loyola. São Paulo 1976, p. 28

2. AUTOCRÍTICA DAS IGREJAS CRISTÃS

Este contexto motivou as Igrejas cristãs⁴, na reunião de Stuttgart, a uma autocrítica necessária à continuidade de uma transparência da mensagem do Cristo para os nossos dias, visto que é fundamental adaptar-se uma linguagem que faça a leitura das questões relevantes da época à luz do Evangelho. Conscientes de seus malogros, omissões e lacunas, reviram suas posições diante de suas práticas e expuseram publicamente uma “*mea culpa*”.

Nessa reunião, as igrejas relataram falhas basilares, amplamente destoantes do compromisso cristão vinculado à promoção da vida, ou seja, admitiram que deixaram de testemunhar o amor a toda obra de Deus devido à ausência de um estilo de vida que as fizesse sentir-se parte integrante desse grandioso plano. Lamentaram, ainda, de modo veemente, a falta de união e o mau uso do poder, bem como o envolvimento em guerras e outras atitudes justificadoras de conflitos. Assumiram, por outro lado, a falta de posicionamento frente aos sistemas políticos e econômicos, cuja ganância favorece pequenos grupos em detrimento de outros, fomentando a miséria e a exclusão social. Tomaram consciência, de modo radical, de terem uma postura em que o mundo é visto a partir da Europa, relegando as demais nações a um total desprezo. Enfim, compreenderam que ignoravam o valor da vida humana em suas relações⁵.

Diante desta autocrítica, é possível compreender que sem uma verdadeira opção radical pela causa maior que é o Cristo, inviabiliza-se a construção de um mundo pautado pela fraternidade e solidariedade, onde cada indivíduo ocupe seu lugar e respeite o *espaço* alheio, especialmente o *espaço comunitário*. Distanciadas deste ideal, isoladas em seu egoísmo, as instituições impedem que a promoção da vida atinja patamares nos quais o relacionamento humano se desenvolva satisfatoriamente em todos os níveis, resgatando a dignidade do homem.

As Igrejas cristãs foram felizes em sua confissão de culpa. O avanço, porém, se faz necessário, uma vez que, estamos nos aproximando do terceiro milênio da Encarnação de Jesus. A finalidade da Encarnação é assumir a

⁴ Ver Hans KÜNG. *Projeto de Ética Mundial*. Ed. Paulinas, São Paulo 1992, p. 96. “Em outubro de 1988, as Igrejas cristãs se encontraram em Stuttgart em nível de Alemanha; em maio de 1989 na Basileia em nível de Europa e, finalmente, em março de 1990 em Seul em nível mundial. em todos estes lugares tratou-se da exigência programática por ‘Justiça, Paz e Integridade da Criação’.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 96-97.

natureza humana para dignificá-la, não importando o estado ou compreensão de vida em que a pessoa se encontra. O Plano de Deus consiste, de fato, em eliminar todas e quaisquer diferenças, pois não são evangélicas. Além disso, vale lembrar que, independentemente da função social ocupada pelo indivíduo, a sua natureza divina não pode ser negada.

Outro descompasso, igualmente condenado pela declaração da conferência episcopal dos Estados Unidos, tema da carta pastoral: “*Le fruit de la justice est semé dans la paix*”, diz respeito, em primeiro lugar, ao inadmissível isolamento do homem em si mesmo e que o torna indiferente aos sérios problemas que afligem a humanidade a todo momento, sendo enfaticamente comentado pelos bispos. Segundo estatísticas, diariamente morrem de fome por subnutrição e suas decorrências, 40.000 crianças; além disso, em nome da purificação étnica, muitas pessoas são privadas da vida, da dignidade e dos seus direitos fundamentais. Essa declaração destaca a importância de uma política voltada à parceira com a comunidade das nações, objetivando erradicar a violência e alcançar a justiça e a paz. Assim, Jesus nos recomenda sermos os “artesãos da Paz”, porque “a herança bíblica e a tradição cristã” nos impulsionam a promover e a viver a paz⁶.

3. ENCARNAÇÃO E COMPROMISSO SOCIAL

Como se pode observar, solidariedade e compromisso social são temas encontrados no bojo do sentido antropológico da Encarnação, descritos por São João, o qual deixa claro a importância de um Deus que assume a natureza humana, fazendo-se “*carne*” e vindo “habitar” entre nós (cf. Jo 1,14). O evangelista também coloca em destaque o “porquê” da vinda do Cristo: “... *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”(Jo 10, 10).

Diante destes pressupostos, somos chamados a refletir com seriedade o que significa para nós, não somente no *hic et nunc*, as raízes cristológicas e antropológicas, mas as suas implicações na vida do homem, pois, como sabemos, estas acontecem tendo em vista a valorização humana, ou seja, a concretização de um desejo grandioso de Deus.

⁶ Cf. “*Le fruit de la justice est semé dans la paix*”, Déclaration de la Conférence épiscopale des États-Unis, 17/11/1993. In: *La Documentation Catholique*, n° 2088, 20/02/1994, pp. 173-192.

É também necessário evidenciarmos as idéias tão claramente apresentadas pelo Vaticano II em sua Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “O homem foi constituído por Deus em estado de Justiça”⁷ e que, por sua vez, “o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do verbo encarnado”⁸. Assim, a pessoa de Jesus Cristo é o protótipo de uma vida nova em que o Reino é apresentado como oferta para a Salvação (dignificação).

O homem, portanto, deverá harmonizar a sua vida com a d’Ele, razão pela qual é possível compreendermos a relação existente entre a mensagem de Jesus e a realidade à nossa volta, pois não podemos fechar os olhos para a pobreza, a exploração e o descaso crescente em relação ao ser humano, situação muito bem expressa no discurso do Papa João Paulo II, por ocasião da XII Conferência Internacional, organizada pelo Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo da Saúde, realizada de 06 a 08/11/1997. Em suas palavras, o pontífice conclama “os organismos internacionais competentes a empenharem-se de modo eficaz em predispor garantias jurídicas adequadas para que seja promovida, na sua integridade, também a saúde de quantos não têm voz e para que o mundo sanitário, não se deixando constranger pelas dinâmicas do lucro, seja o contrário, impregnado da lógica, da solidariedade e da caridade”⁹

Sendo a criatura humana um ser de novidades, por excelência, ela possui um escopo: a realização em Deus! Então perguntamos: como Ele vai emergir de sua vida, se a mesma está permeada por condicionamentos e desafios desumanizantes, onde o lucro predomina nas relações humanas, aniquilando-as? Sobretudo, em nosso caso que somos um continente com identidade própria: devemos consentir que se perpetue a dor e o sofrimento do povo espoliado, misturado ao sangue vertido do Calvário?

Por conseguinte, as raízes cristológicas e antropológicas nos lançam aos grandes desafios e às aventuras, onde iremos nos deparar com aquilo que se tornou a base do cristianismo: *a Encarnação está em vista não de si mesma, mas do ser humano. Isto significa que a natureza humana foi nela assumida, jamais aniquilada*¹⁰. A Salvação, pois, vai de encontro às realidades que sangram!

⁷ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n° 13, p. 155, parágrafo 239.

⁸ Idem, n° 22, p. 164, parágrafo 264.

⁹ João Paulo II. Discurso pronunciado na XII Conferência Internacional, organizada pelo Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo e na Saúde, realizada de 06 a 08/11. In: *L’Osservatore Romano*, n° 46 (15/11/97), Roma, p. 7.

¹⁰ Cf. n° 22, pp. 164-5, parágrafo 265.

Esta constatação nos abre a possibilidade de compreendermos o grau da violência presente em todas as camadas sociais. Os homens deixam de ver no outro um semelhante, ignoram direitos elementares até mesmo dentro da própria família. E, por isso, o espírito de solidariedade vai escapando de nossas relações, facilitando o estabelecimento de uma “cultura leviana”, cuja mentalidade distorce os critérios e práticas cristãs, não permitindo chegar à raiz do problema, a ponto de o ato de doar o supérfluo faz pensar que se resgata o irmão das injustiças sociais.

Assim sendo, nosso compromisso social tem raízes cristológicas e antropológicas que a Encarnação nos faz compreender. Estas contêm as respostas ao grito de dor dos sem-terra, das crianças abandonadas e de outros seres humanos socialmente discriminados seja pela prostituição, seja por doenças contagiosas ou graves, velhice ou pelo “apartheid”, etc... sob esse aspecto, não poderíamos omitir-nos, ignorando que tais raízes atingem a todas as pessoas, pois encerram em si uma moral libertadora.

Na verdade, estes pressupostos vão dar a tônica para que toda ação evangelizadora eleve a criatura de Deus ao patamar que lhe foi reservado desde a sua criação e que o pecado rompeu. Mas a Encarnação vem resgatar! E ela não aconteceu somente para um contexto reduzido de pessoas ou grupos, e sim, para todos os seres humanos, pertencentes a todas as raças, culturas ou seguimentos religiosos. Elevar o homem é o seu escopo! Dignificá-lo é o fundamento que se encontra na dimensão divina.

Com este intuito, procuramos nesta reflexão tocar nos princípios éticos que percorrem o tempo, atravessam as gerações e se lançam a caminho do futuro, impelindo-nos para o óbvio: resgatar a vida!

Tal perspectiva conduzir-nos-á não só a um aprofundamento constante mas, sobretudo, a um redimensionamento da vida que fará emergir o reconhecimento a Ele por ter assumido a natureza humana através da auto-doação.

4. PAULO EVARISTO, TESTEMUNHA DA VERDADE

Diante do exposto, torna-se conveniente destacar o testemunho de alguém que assumiu os princípios éticos cristãos e fez deles o seu ideal de vida. Sua ação evangelizadora alcançou elevado nível de amadurecimento, não apenas por sua coragem, mas principalmente pela fidelidade àquele que se destacou na valorização da criatura humana, dignificando-a.

Durante as viagens de estudo que empreendi, travei conhecimento com pessoas de diversos países e culturas que, ao saberem de minha nacionalidade e meu local de origem, sempre tinham uma palavra carinhosa ou uma atitude de respeito com relação a este homem singular, conhecido internacionalmente nos meios políticos, intelectuais e religiosos por sua prática de solidariedade e de compromisso social. Tais pessoas viviam e ainda vivem em contexto de injustiça; identificadas com ele, sentiam que não estavam sós e, evidentemente, isto era muito gratificante e não permitia que esmorecessem.

O ministério desse homem atraiu a atenção do povo da cidade de São Paulo, do estado, do país e de nosso continente; atravessou oceanos, atingindo inclusive a Europa e outras terras mais distantes. Entretanto, em seu próprio país, muitos não o compreenderam ou preferiram não compreendê-lo porque não desejavam abrir mão de situações reconhecidamente privilegiadas.

Refiro-me a alguém que não mediu esforços para conter os abusos da ditadura militar, cujas conseqüências foram nefastas a todos os ângulos da sociedade brasileira. Investido da força que a graça divina lhe conferiu, enfrentou o poder temporal, defendendo os que estavam à mercê dos desmandos dos ditadores. Fez-se de intermediário dos que não tinham voz nem vez, denunciando as arbitrariedades cometidas contra a criatura humana. Mostrou que os direitos humanos são *conditio sine que non* para o existir de uma sociedade justa na qual o povo possa ser o sujeito de sua história.

Através das diretrizes de planos de pastoral, evidenciou que precisamos gerar espaços com diferentes perspectivas de vida para que grupos e indivíduos possam se integrar de acordo com seu potencial criando novas relações.

Sem temer as elites gananciosas, divulgou a necessidade urgente da reforma agrária, baseando-se em que a terra é um dom de Deus e é dela que o homem tira o seu sustento. Ensinou que é inconcebível que alguns detenham o monopólio sobre a terra, impedindo o acesso da grande massa faminta, fato provocador de desespero e de trágicos conflitos nas regiões rurais. Ele, de modo determinado, desinstalou e deixou inquieta a classe dominante.

Além de tudo, insistiu em lembrar ao Estado o seu papel na reeducação dos presidiários para que estes retornem ao convívio social, não mais como uma ameaça, mas como membros participativos.

Hoje, ele espera o substituto para o cargo que, durante tantos anos e com tanta dedicação, ocupa na arquidiocese de São Paulo. Como se pode perceber,

trata-se do nosso querido Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal Arcebispo de São Paulo. Notável exemplo de solidariedade e compromisso social que tão bem soube vivenciar a unção outrora recebida, concretizando, em gestos humanitários, a Causa de Cristo e compelindo-nos, com seu exemplo, a uma atitude similar.

É neste sentido que compreendemos as palavras de Jesus, expressão máxima de seus fiéis seguidores: *“Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-Aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós”* (Mt. 5,10-11).

Pe. João Bosco dos Santos é Mestre e Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidade de Friburgo, Suíça.